

“REDUÇÃO NÃO É SOLUÇÃO”

*“Ó, vós que entraís, abandonai toda a esperança”*

Dante Alighieri, in INFERNO, Divina Comédia.

A maior dificuldade de se debruçar sobre um editorial, isto é, aquele prólogo aos textos que estão na ordem central de qualquer obra, seja um livro ou uma revista, como é o caso, é o ressentimento de se estar traindo os originais, compreendendo a incumbência de um editorial em trazer aos leitores uma síntese do que está por vir. Certamente conhecemos e concordamos com a excelência dos prólogos de Jorge Luis Borges: de certa forma trazem a confissão do autor acerca de seus textos; ilidem possíveis protuberâncias das palavras. Os prólogos, nesse sentido, ao menos nas obras do escritor argentino, servem como um contato franco – sem se furtar da ficção - para dar algumas observações... Diante da indignação da crítica, que não perdoa que um autor se arrependa. Assim, o trabalho de lapidar um editorial está longe de ser o conforto de escrever um prólogo de sua própria obra, quando o autor se prostra a pensá-la no seu conjunto e tem a responsabilidade de mutilá-la a bem introduzi-la ao leitor; pois um editorial, ao contrário, tem a responsabilidade de mutilar obras alheia, resumir um esforço orgânico das palavras que, em rotação e translação, figuram a atmosfera do texto.

Saindo desse prólogo do prólogo, convém falar desta primeira parte da 13ª edição, primeiro semestre de 2015, da Revista *Habitus*. São oito artigos, uma entrevista e uma resenha. Colaboram, assim, com os debates em antropologia, ciência política e sociologia, as disciplinas base das Ciências Sociais. A heterogeneidade dos artigos reflete o Comitê Editorial da revista, os debates e opiniões dos seus membros, gerando um maior diálogo ao bem do necessário para o funcionamento de uma revista de ciências sociais.

Correndo o risco da trivialidade, vale discorrer algumas linhas falando da importância de uma revista para graduação dentro de uma ordem científica. Compreendendo a necessidade que o exercício exige, bem como a propagação de conhecimento, o espaço proporciona aos alunos muitas vezes a primeira experiência de publicação de suas pesquisas, fortalecendo suas trajetórias acadêmicas com melhor nitidez de seus objetos. Portanto a Revista *Habitus* orgulha-se do seu papel e reafirma a necessidade cada vez maior de espaços como estes.

Cabe agora o esforço de introduzir o leitor aos artigos, à entrevista e resenha através de um pequeno resumo de cada trabalho. Sabemos que o resumo, assim como a tradução, isso já apontado pelo antropólogo Eduardo Viveiros de Castro no prólogo de seu livro, é um traição. Resignamo-nos em escolher quem se vai trair; esperamos o reconhecimento, posto que esta seja uma obrigação nos impõem, e desde já pedimos desculpas pelas insatisfações que porventura possam aparecer.

O primeiro artigo desta edição, “A luta camponesa e a repressão durante a Ditadura empresarial-militar (1964 – 1985)” de Ricardo José Braga Amaral de Britto, analisa as experiências históricas da revolução de 1930, das Ligas Camponesas e as formas de subjugação econômica e política praticadas ao longo do período analisado tendo como base bibliografia do tema e relatos de trabalhadores.

Já "O método da economia política e a interpretação crítica em Mariátegui", feito por Marcus Bernardes busca, de forma original e ensaística, conexões entre a proposta metodológica de Marx e a interpretação da realidade peruana realizada por Mariátegui (considerado o primeiro autor marxista original da América Latina). Nessa busca, o autor do artigo nos mostra como o método da economia política marxista pode ser atrelado ao desenvolvimento esboçado por Mariátegui sobre o povo incaico, ou, em outras palavras, como o método dialético pode dialogar com as vicissitudes de cada momento histórico ímpar.

O autor Guilherme de Carli em seu texto intitulado "A razão instrumental e a prática tecnicista na abordagem dos desastres" discorre sobre o imaginário social acerca dos desastres. Ele problematiza o domínio do caráter tecnicista ao lidar com esses eventos e procura dar ênfase numa abordagem que considere a dimensão simbólica e humana dos afetados. Para isso, estabelece um interessante diálogo com a literatura frankfurtiana e seu aparato conceitual apropriando-se da noção de "razão instrumental".

No artigo "A sociologia francesa no Sul Global: o caso do Cahiers Internationaux de Sociologie (1950 - 1980)", Raphael Lebigre analisa a produção e repercussão do importante periódico francês para a produção de conhecimento do Sul Global, criado pelo sociólogo Georges Gurvitch, e coordenado até 2011 (ano de sua última edição) por Georges Balandier.

Utilizando metodologia antropológica, em "A carreira da pichação em etapas de (des)envolvimento", o autor Vinicius Moraes de Azevedo desenvolve uma etnografia sobre grupos de pichadores que atuam em bairros periféricos do Rio de Janeiro. O autor constata, em campo, que diferentes níveis de envolvimento com a prática da pichação levam a diferentes mudanças na subjetividade e percepção do indivíduo e da forma como ele dialoga com a cidade e analisa, assim, a pichação em suas diferentes etapas de (des)envolvimento.

O artigo de Kíssila Teixeira Mendes "As políticas criminais e neoliberalismo no Brasil: Debates atuais" analisa a lógica neoliberal e sua inserção no país, além da participação desta na ideologia das políticas criminais e penais brasileiras. O trabalho é apresentado através de pesquisas quantitativas que buscam prová-lo, assim como a ideia de que o neoliberalismo responsabiliza as populações pobres pelo crime, através da chamada "criminalização da pobreza".

No último artigo, "Autoritarismo competitivo na América Latina: o caso do Peru sob o governo Alberto Fujimori (1990 - 2000)", Jean Lucas Macedo Fernandes traz a perspectiva histórica do período de governança do ditador peruano, onde o autor situa o regime no chamado "autoritarismo competitivo"; um subtipo de regime híbrido que se caracteriza substancialmente por medidas autoritárias de um determinado governo.

Além dos artigos, a resenha do livro "Entre sociólogos: versões conflituosas da 'condição de sociólogo' na USP dos anos 1950-1960" da socióloga Carolina Pulici (2008), feita por Denizar Amorim Azevedo, aborda o texto que reconstrói as relações sociais na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL-USP) das Cadeiras de Sociologia nas décadas de 1950 e 1960.

Por fim, tivemos o prazer de realizar uma entrevista com a antropóloga Julia O'Donnel que fala de seus trabalhos, dos conflitos urbanos acerca das praias da zona sul carioca e dos processos imobiliários de na Barra da Tijuca. Também contou sua trajetória e de como chegou na Antropologia.

Seja a inscrição no portal do Inferno de Dante Alighieri; a tela preta ao som de Richard Strauss ("Thus Spoke Zarathustra", Op. 30) no começo de 2001: uma odisséia no espaço de Stanley Kubrick; assim como em muitas outras obras; esses prólogos vêm para ambientar o leitor/espectador à obra, tirando-o de uma órbita e trazendo-o à órbita da obra. Assim cada autor, artista e editor tem a responsabilidade de melhor tratar esses espaços de inserção. Antes de tudo – este é o lugar de um prólogo, um editorial –, uma zona de perigo constante, sempre passível de erros e pouco fadada ao acerto. É sempre um sentimento de insatisfação que nos

delega o término de um prólogo ou editorial. Portanto o nosso sentimento sincero é que esta singela introdução sirva mais como ambientação à obra e menos como uma redução dela. E vale a conjuntura atual: redução não é a solução.

Desejamos uma boa leitura! 📖

Comitê Editorial | Revista Habitus – IFCS/UFRJ

